

Tiro simulado deixa estudante em choque

Para os deputados que estiveram, ontem, pela manhã, no Hospital Distrital, mais grave do que o estudante que levou a bala na cabeça é o estado do universitário Aldruísio Moreira, que sofreu fuzilamento simulado pelo DOPS e foi depois transformado em objetivo de tiro ao alvo, amarrado a uma árvore, a 30 quilômetros de Brasília.

Segundo os deputados Martins Rodrigues, Mariano Benck, Mata Machado, Raul Brunini, Márcio Moreira Alves e Hermano Alves, que conversaram com os médicos do HDB, o rapaz continua em estado de choque, às portas da loucura. Aldruísio tinha sido posto em liberdade pelo Exército um dia antes da invasão da UNB e estava ao lado do líder Jonestino, quando começou o espancamento deste. Aldruísio conseguiu escapar mas cortou o pé nos vidros da janela por onde saltou, sob tiroteio.

O deputado Hermano Alves lerá hoje o relatório dos médicos da Tribuna da Câmara, devendo indagar a quem cabe a responsabilidade pelas torturas feitas ao universitário: se ao DOPS ou ao Exército, pois Aldruísio se encontrava preso à disposição do coronel Murilo Rodrigues, encarregado do IPM sobre subversão nos meios estudantis.

O advogado João Pelles tentou ontem entrar em contato com o universitário Honestino Guimarães, que se encontra

preso em uma das unidades do Exército, em Brasília. O encontro, porém, não foi permitido, o que levou o advogado a fazer um protesto de vez que a lei lhe assegura o direito de conversar com presos, a sós e sigilosamente.

Segundo o advogado, o presidente da FEUB, "não apresenta ferimentos ostensivos, mas — segundo soube — foi muito espancado por policiais do DOPS antes de ser entregue ao Exército".

WALDEMAR VIGIADO

O deputado Márcio Moreira Alves afirmou ontem que agentes policiais vigiam dia e noite o quarto onde se acha o universitário Waldemar Alves da Silva, tencionando sumir com o corpo, no caso de o rapaz vir a falecer.

Adiantou Márcio que a Polícia sabe que os estudantes procurarão também apanhar o corpo e por isso se mantém atenta para evitar passeatas ou manifestações com o cadáver, da maneira como ocorreu com Edson Luiz Lima Souto.